

**IMAGEM E IMPRENSA NA
AMAZÔNIA:
a configuração da
fotografia no jornal
Estado do Pará**

IMAGE AND PRESS IN THE
AMAZON: the configuration of
the photograph in the
newspaper Estado do Pará

IMAGEN Y PRENSA EN LA
AMAZONIA: la configuración de
la fotografía en el periódico
Estado do Pará

**Netília Silva dos Anjos Seixas¹
Thaís Christina Coelho Siqueira^{2, 3}**

RESUMO

Este estudo⁴ busca contribuir para o entendimento da trajetória da fotografia nos jornais paraenses, a partir de um dos principais impressos do Estado, o Estado do Pará (1911-1980). Trata-se de um estudo exploratório, com base em pesquisa bibliográfica, documental e análise dos dados empíricos, usando os

¹ Doutora e mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UFPA). Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Pesquisa História da Mídia na Amazônia (Midiam) e coordenadora do Projeto de Pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet. E-mail: netilia@uol.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Graduada em Comunicação Social habilitação Jornalismo pela UFPA. Integrante do Grupo de Pesquisa História da Mídia na Amazônia (Midiam) e do Projeto de Pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet. E-mail: thaissiqueira.jor@gmail.com.

³ Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação (ILC), Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá (Portão 2), CEP 66075-110, Belém (PA), Brasil.

⁴ Artigo ligado ao projeto de pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet e ao grupo de pesquisa História da Mídia na Amazônia (Midiam), com sede na UFPA e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

métodos iconográfico e iconológico, de Erwin Panofsky e Boris Kossoy. Foram observadas as fotografias publicadas em 1912, quando uma das primeiras fotografias jornalísticas foi encontrada no impresso, 1920, 1960 e 1980, nos meses de janeiro, abril, julho e outubro, correspondendo a cerca de 30 por cento do total de edições de cada ano selecionado. O jornal Estado do Pará iniciou sua edição com apresentação gráfica inovadora, destacando-se, mais tarde, com a publicação de imagens fotográficas e participando do estabelecimento da imprensa na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia de imprensa; Jornal Estado do Pará; Amazônia.

ABSTRACT

This study seeks to contribute to the understanding of the trajectory of photography in the newspapers of Pará, from one of the main printed forms of the country, the State of Pará (1911-1980). It is an exploratory study, based on bibliographical research, documentary and empirical data analysis, using the iconographic and iconological methods of Erwin Panofsky and Boris Kossoy. Photographs published in 1912 were observed, when one of the first journalistic photographs was found on the press, 1920, 1960 and 1980, in the months of January, April, July and October, corresponding to about 30 percent of the total editions of each year selected. The newspaper Estado do Pará began its edition with an innovative graphic presentation, highlighting, later, with the publication of photographic images and participating in the establishment of the press in the Amazon.

KEYWORDS: Press photography; Newspaper Estado do Pará; Amazon.

RESUMEN

Este estudio pretende contribuir a la comprensión de la fotografía en los periódicos de Pará, a partir de uno de los principales periódicos del Estado, el Estado do Pará (1911-1980). Se trata de un estudio exploratorio, basado en la investigación bibliográfica y documental y el análisis de los datos empíricos, utilizando los métodos iconográfico e iconológico, de Erwin Panofsky y Boris

Kossoy. Fueran observadas las fotografías publicadas en 1912, cuando una de las primeras fotografías de prensa fue vista en el periódico, 1920, 1960 y 1980, en enero, abril, julio y octubre, lo que corresponde a aproximadamente el 30 por ciento de la historia total de cada año seleccionado. El periódico Estado do Pará empezó su edición con diseño innovador, poniendo de relieve, más tarde, con la publicación de las imágenes fotográficas y participando en la creación de prensa en la Amazonia.

PALABRAS CLAVE: Fotografía de prensa; Estado do Pará; Amazonia.

Recebido em: 10.11.2016. Aceito em: 12.12.2016. Publicado em: 25.12.2016.

Introdução

Este é um estudo exploratório, no qual fizemos levantamento, observação e interpretação de algumas fotografias de imprensa publicadas pelo jornal Estado do Pará (1911-1980), com a finalidade de perceber como se deu a configuração desse meio visual na imprensa paraense. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental realizada nos setores de Microfilmagem e de Periódicos da Biblioteca Pública Arthur Vianna e análise iconográfica e iconológica (PANOFSKY, 1976; KOSSOY, 2001, 2009) dos dados empíricos. Observamos a produção fotográfica do Estado do Pará por ser um dos grandes jornais paraenses que circularam ao longo do século XX. A escolha foi feita com base na relevância e periodicidade do jornal, sobre as edições disponíveis para consulta no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém-Pará.⁵

Compuseram o *corpus* as edições disponíveis em 1912, 1920, 1960 e 1980, nos meses de janeiro, abril, julho e outubro. O ano de 1912, por ser aquele de ocorrência de uma das primeiras fotografias jornalísticas em jornal diário local; 1920, 1960 e 1980 por serem os decênios disponíveis do Estado do Pará numa periodização por décadas para pesquisa mais ampla, incluindo outros jornais. No caso do Estado do Pará, o jornal começou a circular em 9 de abril de 1911, sendo publicado diariamente até 1961, quando parou suas atividades por problemas financeiros e administrativos. Em 1976, voltou a circular, parando definitivamente em 30 de dezembro de 1980. Constitui-se no quarto jornal mais longo a ser publicado

⁵ A Biblioteca foi anexada ao Arquivo Público do Pará, de 25 de março de 1871, data de sua fundação, até 1956, quando passou a integrar a Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN). Atualmente, possui um acervo de aproximadamente 770.675 volumes entre livros, folhetos, revistas, jornais, mapas, discos em vinil, fitas de vídeo, DVDs, CDs, livros em braille, microfilmes, jogos, gibis, entre outros (FUNDAÇÃO, 2012).

em Belém. No entanto, na primeira fase da pesquisa, a maior parte da coleção estava indisponível, por se encontrar em processo de tratamento e microfilmagem. Com a pesquisa em quatro meses do ano, distribuídos de forma equidistante, buscamos observar de forma suficiente a publicação (OROZCO, GONZÁLEZ, 2011), correspondendo a cerca de 30 por cento das edições cotidianas no ano analisado. O número de edições observadas está organizado no Quadro 1:

Quadro 1: Número de edições observadas no jornal Estado do Pará, de 1912 a 1980.

Estado do Pará				
Mês	Janeiro	Abril	Julho	Outubro
Ano				
1912 ⁶	31	30	31	31
1920	31	30	31	Edições em microfilmagem
1930	Edições em microfilmagem			
1940	Edições em microfilmagem			
1950	Edições em microfilmagem			
1960	Edições em microfilmagem		26	22
1970	Não estava em circulação ⁷			
1980	27	25	27	27
Total	369			

Fonte: dados da pesquisa, a partir do acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A origem da fotografia suscita discussões acerca do pioneirismo do invento, já que iniciativas por vezes isoladas contribuíram para o que se conhece hoje como técnica fotográfica. As primeiras câmaras claras – ou câmaras lúcidas – surgiram no início do século XIX. Já as câmaras escuras eram usadas desde o século XVII para captar imagens sem a necessidade de desenhar

⁶ Segundo Seixas (2012), no ano de 1912, o jornal Estado do Pará publicou fotografias que podem ser consideradas jornalísticas. Dessa forma, com o intuito de conhecer tais imagens, buscamos incluir na pesquisa as edições do jornal publicadas no ano citado.

⁷ O jornal Estado do Pará deixou de circular em 1961 por falta de condições financeiras, mas retomou as publicações em 20 de abril de 1976 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985)

e são consideradas as “antepassadas das câmaras fotográficas” (SOUGEZ, 2001, p. 18).

Ainda demoraria algum tempo para que a fotografia se popularizasse na imprensa mundial. Segundo Freund (1983), data de 1880 a publicação da primeira fotografia reproduzida com meios puramente mecânicos, procedimento denominado halftone,⁸ o que facilitou sua reprodução nos impressos, já que antes essas reproduções eram artesanais e feitas com xilogravura.⁹ Assim, de acordo com a autora (1983), a primeira fotografia de imprensa foi publicada em 4 de março de 1880, no Daily Herald, de Nova York, sob o título “Shantytown”.

No Brasil, segundo Fávaro (2009), data de 15 de novembro de 1904 a publicação da primeira fotografia jornalística em jornais brasileiros, no Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro. A imagem acompanhava uma notícia sobre a revolta da população contra a obrigatoriedade da vacina contra a varíola. Desse período em diante, a fotografia conquistaria espaços cada vez maiores nas páginas dos jornais e revistas.

Assim como Sousa (2002, p. 7), entendemos o fotojornalismo como toda fotografia que possui “valor jornalístico”, no sentido de possuir um “valor-notícia” determinado pela empresa de comunicação ao qual se vincula, e que, ao lado do texto, contribui para a transmissão de informações sobre determinados fatos. “A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia,

⁸ Freund (1983, p. 95, tradução nossa) explica que “essa técnica consiste em reproduzir uma fotografia através de uma tela de retícula que a divide em uma multiplicidade de pontos. Passa-se o cliché obtido a partir de uma fotografia sob uma prensa, ao mesmo tempo em que um texto é composto. Esse procedimento, consideravelmente melhorado hoje em dia, é a tipografia”.

⁹ Imagens gravadas em madeira e normalmente com a identificação “retirado de uma fotografia” (FREUND, 1983).

opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa” (SOUSA, 2002, p. 5).

A iconografia e a iconologia como métodos de análise de fotografias

Na obra intitulada “Fotografia e história”, Kossoy (2001) enumera três componentes fundamentais no processo de construção da imagem fotográfica: o fotógrafo, a técnica e o tema. Para o autor (2001, p. 37, grifos do autor), “são estes os *elementos constitutivos* que lhe deram origem através de um *processo*, de um ciclo que se completou no momento em que o objeto teve sua imagem cristalizada na bidimensão do material sensível, num preciso e definido *espaço e tempo*”. Portanto, a fotografia é o produto da união desses três fatores e tem a capacidade de dar indicações de sua elaboração e o momento histórico no qual se situa; e o espaço e o tempo são as “coordenadas de situação” (KOSSOY, 2001, p. 37).

Além disso, uma fotografia original é um “objeto-imagem” (KOSSOY, 2001, p. 40), onde se podem identificar traços da época na qual foi produzida. Também é denominada pelo autor de “fonte primária” (KOSSOY, 2001, p. 42) ou a “primeira realidade”, “fixa, imutável e irreversível” (KOSSOY, 2009, p. 47), ou seja, o objeto fotografia em si, na sua condição original. Já as impressões ou outros tipos de aplicação dessa fotografia, em outras palavras, as reproduções, são carregadas de outras características que as diferem do original, tornando-se um “objeto-imagem de segunda geração”, ou seja, uma “fonte secundária” (KOSSOY, 2001, p. 42) ou uma “segunda realidade”, também “fixa e imutável”, mas passível de “múltiplas interpretações” (KOSSOY, 2009, p. 47). É o caso, por exemplo, das fotografias publicadas na imprensa. A própria importância dessas fontes – primária e secundária

– difere, o objeto-imagem de primeira geração tem valor para a história da técnica fotográfica, enquanto a reprodução dissemina a informação histórico-cultural contida na imagem (KOSSOY, 2001).

Outra característica da imagem fotográfica está relacionada a dois tipos de componentes: os de “ordem material” – correspondentes aos “recursos técnicos, ópticos, químicos ou eletrônicos” – e os de “ordem imaterial” – ou seja, “mentais e os culturais” (KOSSOY, 2009, p. 27). Kossoy (2009, p. 27, grifo do autor) avalia: “estes últimos se sobrepõem hierarquicamente aos primeiros e, com eles, se articulam na mente e nas ações do fotógrafo ao longo de um complexo *processo de criação*”.

Para guiar o processo de interpretação de fotografias, Kossoy (2001) utiliza os métodos iconográfico e iconológico, atribuído aos estudos de Erwin Panofsky (1976), integrante da Escola de Warburg, em Hamburgo, na Alemanha, e que propôs o método da iconografia/iconologia para a interpretação de imagens. Ao aplicar suas ideias aos trabalhos de arte, entendia que a interpretação da imagem pode ser classificada em três grupos: a “descrição pré-iconográfica”, a “análise iconográfica” e a “interpretação iconológica” (PANOFSKY, 1976, p. 50-52).

A descrição pré-iconográfica, ou “tema primário ou natural” (PANOFSKY, 1976, p. 50), identifica os objetos e os eventos, descrevendo-os, trata-se do significado natural da imagem. A análise iconográfica, ou “tema secundário ou convencional”, permite identificar correlações dessa imagem com o que ela representa, com o contexto exterior. Já a interpretação iconológica possui um “significado intrínseco ou de conteúdo” (PANOFSKY, 1976, p. 52), ou seja, “requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através de fontes literárias” (PANOFSKY, 1976, p. 62). Em outras

palavras, essas três etapas correspondem aos processos de descrever, correlacionar com o contexto histórico que a imagem representa e, por fim, interpretar a fotografia (KOSSOY, 2001).

Dessa forma, buscamos observar as fotografias coletadas, correlacionando-as com cada época selecionada no recorte desta pesquisa e, em seguida, tentamos compreender, com base na interpretação dessas imagens, como se configurou o percurso do fotojornalismo no jornal Estado do Pará.

O jornal

Em 9 de abril de 1911, era fundado por Justo Chermont um grande periódico que marcou presença na história da imprensa de Belém: o Estado do Pará. Assim como a Folha do Norte (1896-1974), outro grande impresso paraense, o jornal tinha o objetivo de combater a política exercida pelo ex-intendente¹⁰ Antônio Lemos e apoiar o político Lauro Sodré (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Mais tarde, por fazer oposição a Dionísio Ausier Bentes, então governador do Estado, foi depredado em janeiro de 1928 por policiais civis e militares. Dois anos depois, passou a dar cobertura ao Movimento de 1930, tornando-se porta-voz dos conflitos (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Sobre a configuração do jornal Estado do Pará entre as décadas de 1910 e 1920, Fernandes e Seixas (2011) afirmam:

O Estado do Pará (...) garantia espaço em suas edições a esse tipo de notícia [temas policiais], com destaque ao trabalho do repórter

¹⁰ Equivalente ao cargo de prefeito.

policial. (...). O jornal (...) utiliza mais recursos imagéticos do que a Folha do Norte, principalmente, nas ilustrações das matérias. O Estado, nos seus primeiros números, tinha um formato de 60 cm por 42 cm e as páginas também variavam – em sua maioria, entre seis e oito páginas – de acordo com os acontecimentos (FERNANDES; SEIXAS, 2011, p.7-8).

Devido a problemas financeiros, o jornal deixou de circular em 1961, mas retomou as publicações em 20 de abril de 1976. No entanto, deixaria de circular quatro anos depois, em 31 de dezembro de 1980, devido a mudanças de direção e a dificuldades financeiras (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

As imagens nos jornais e os primeiros fotógrafos de Belém

Na virada do século XIX, os jornais paraenses já utilizavam ilustrações na forma de bustos e de cenas exteriores para ilustrar as matérias publicadas (SEIXAS, 2011a). Foi nesse período, de acordo com Seixas (2011a), que a caricatura passou a ser utilizada na imprensa de Belém, sobretudo nas revistas. O público via-se, cada vez mais, imerso no mundo das imagens, e Belém foi uma das cidades que muito se destacou nesse aspecto, como afirma Barbosa (2013):

Daguerreótipos, litografias, panoramas, cosmoramas, vistas, cartas de visitas, e, finalmente, cinematógrafos, multiplicam os modos visuais do século XIX em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Recife e Salvador, entre outras, construindo um observador atento às possibilidades que as tecnologias do olhar ofereciam para a representação daquele mundo que rapidamente se transformava. Não apenas no espaço público, mas também nos domínios privados (BARBOSA, 2013, p. 179).

Com o objetivo de identificar os primeiros fotógrafos e estabelecimentos em atividade no Brasil no século XIX, Kossoy (2002) realizou um mapeamento preliminar nos estados brasileiros, correspondente ao período de 1833 a 1910. Os nomes relacionados à fotografia paraense desses primeiros anos estão no Quadro 2:¹¹

Quadro 2 – Fotógrafos e estabelecimentos afins em atividade no Pará, de 1833 a 1910.

Período	Fotógrafos/estabelecimentos		
1833-1849	Charles DeForest Fredricks ¹²		
1850-1859	Guillerme Potter	Senna	Pedro Vilhote
1860-1869	Campbell Felipe Augusto Fidanza José Carlos Gonçalves	Antônio José de Araújo Lima Antônio Maria de Mattos	Guillerme Potter J.A. Veyret
1870-1879	M. H. da Costa Lourenço Antônio Dias	Felipe Augusto Fidanza R. H. Furman	Antônio José de Araújo Lima José Thomaz Sabino
1880-1889	Firmo Lopes de Araújo Fritz Bartels ¹³ Constantino Barza Felipe Augusto Fidanza	Guedes Mello Paulo Ernesto Meyer Niels Olsen	Marcello Thomaz Pull José Thomaz Sabino Feliciano Verlangieri Victor
1890-1899	Freire	J. Girard	Antônio de Oliveira
1900-1910	Felipe Augusto Fidanza	George Huebner	Julio A. Siza

Fonte: Kossoy (2002).

Felipe Augusto Fidanza foi um dos mais importantes fotógrafos em atividade em toda a região Norte no século XIX. Kossoy (2002) acredita que ele teria chegado à capital paraense no ano de 1867 e se dedicado ao retrato e à documentação urbana. A maioria dos fotógrafos que exerceu atividade ao

¹¹ Alguns nomes se repetem entre as décadas, pois esses fotógrafos estiveram em atividade por longos períodos.

¹² Segundo Kossoy (2002), possivelmente, foi esse fotógrafo que abriu o primeiro estabelecimento fotográfico em Belém do Pará, no ano de 1846.

¹³ Autor da fotografia da visita do conde D'Eu a Belém, em 1889 (KOSSOY, 2002).

longo do século XIX e primeira década do século XX era estrangeira, “que para este lado do mundo se aventuravam em razão, inclusive, da forte concorrência em seus países de origem e que, após reunir algum pecúlio, embarcavam de volta” (KOSSOY, 2002, p. 11).

Outra questão apresentada pelo autor trata da expansão da fotografia no Pará a partir da década de 1860, o que pode ser percebido pelo número de fotógrafos e estabelecimentos em atividade comparados aos anos anteriores. Isso se deu

(...) em virtude, por um lado, da introdução de novos processos e de técnicas fotográficas baseadas no princípio do negativo-positivo, que, barateando os custos de produção do retrato fotográfico, o tornaria acessível a um público maior. Por outro lado, assiste-se a um progresso econômico: multiplicam-se as ligações ferroviárias, a imigração europeia é incentivada, transformam-se as feições dos mais importantes centros urbanos, há, enfim, um efetivo crescimento da classe média nas maiores cidades (...). A clientela, nesta altura, já teria um perfil diferente daquele dos primeiros tempos da daguerreotipia, quando o retrato era, via de regra, um representante da elite agrária ou da nobreza oficial (KOSSOY, 2002, p. 12).

Dessa forma, esses “desconhecidos viajantes” iam de lugar em lugar divulgando seu trabalho e contribuindo “para a fixação da imagem do homem brasileiro” (KOSSOY, 2002, p. 25), ao mesmo tempo em que compartilhavam os conhecimentos sobre a técnica com outros e disseminavam a atividade fotográfica.

As primeiras fotografias da imprensa paraense

A disseminação dessas atividades teve fundamental importância para a introdução da fotografia na imprensa paraense, que em 1909 já estava presente

em algumas revistas e, em 1912, no jornal Estado do Pará (SEIXAS, 2011a; 2011b; SEIXAS, SIQUEIRA, 2015). A partir de 1919 a fotografia se tornaria mais presente nos periódicos (SEIXAS, 2011a; SEIXAS, SIQUEIRA, 2015).

Enquanto as ilustrações em forma de desenho raramente traziam identificações do autor e de texto sobre a cena/pessoa mostrada, várias fotografias vêm com legendas, mas também não trazem assinatura. Embora a fotografia tenha chegado tarde na imprensa diária, a atividade de fotógrafos profissionais na cidade remonta ao século XIX (...). Assim como aconteceu com outros jornais e revistas, com suas respectivas temporalidades, próprias de seu percurso, a imprensa de Belém configurou-se como empresa jornalística, estabelecendo suas dinâmicas e coexistências e delimitando terrenos, inclusive profissionais. Paulatinamente, tanto a fotografia quanto as ilustrações passaram a fazer parte da realidade da imprensa local, forjando nomes conhecidos em suas respectivas áreas (SEIXAS, 2011a, p. 302-303).

Em abril de 1912, o jornal Estado do Pará completava um ano de existência. Tinha dimensões de 60x42 cm, suas páginas eram compostas por seis colunas separadas por fios, os títulos eram mais destacados e as imagens publicadas predominavam nos anúncios, mas também estavam presentes nas matérias, como ilustrações. Em geral, tratava assuntos relacionados à política, avisos, notas comerciais, avisos marítimos, correspondência, vida social, entre outros. Combatia a política de Antônio Lemos, ex-intendente de Belém (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Talvez por isso, esse seja o tema de muitas das suas ilustrações, identificadas algumas vezes por "Exgottos". Uma das mais emblemáticas traz a imagem do "Jacaré-Lemos", em referência ao ex-intendente Antonio Lemos (ESTADO DO PARÁ, 17 abr. 1912, p.1), sobre a qual diz a legenda:

João Coelho e Lauro Sodré examinam, indignados, a ninhada de monopólios com que o Jacaré-Lemos – pae da fraude – mimoseou o Estado. Jacaré-Lemos, surgindo da agua, onde permanecia occulto, prepara-se para, traiçoeiramente, saltar sobre os dois ilustres

patriotas. Mas Zé-Povo, que está de sentinella, ao lado, exclama: – Ao menor movimento que fizeres, liquido-te, animal feroz (ESTADO DO PARÁ, 17 abr. 1912, p.1).

Era o jornal fazendo uso do poder da imagem na política (Figura 1).



Figura 1: Estado do Pará, 17 abr. 1912, p. 1.

Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Além de ilustrações, no mesmo ano o Estado do Pará publica o que se pode considerar, até o momento, uma das primeiras fotografias jornalísticas (Figura 2) da imprensa paraense, em 01 de setembro de 1912, como observamos em estudo anterior (SEIXAS, 2011b). No entanto, não podemos afirmar com certeza que essa seja a primeira fotografia jornalística de fato publicada, uma vez que muitos dos impressos que circularam ao longo dos séculos XIX e XX no Pará não foram conservados e, provavelmente, não existem mais (SEIXAS, 2011b). Assim, a conclusão se baseia nos impressos ainda existentes e disponíveis para consulta na Biblioteca Pública Arthur Vianna, em

Belém. Durante a realização desta pesquisa, não foi encontrado nenhum registro de fotografia jornalística nas páginas dos jornais selecionados antes de 1912.



Figura 2: Estado do Pará, 01 set. 1912, p. 1. Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A partir da proposta pré-iconográfica e iconográfica de Panofsky (1976), podemos fazer uma descrição inicial da imagem, correlacionando-a com o contexto histórico ao qual está ligada. Sob o título “O sr. coronel Antonio José de Lemos ao sahir da residência do sr. dr. Virgilio de Mendonça, intendente municipal” e uma extensa legenda, a fotografia acompanha um texto intitulado “A desafronta” (ESTADO DO PARÁ, 01 set. 1912, p. 1). A fotografia mostra o ex-intendente Antônio Lemos cercado pelos seus adversários políticos, em frente de uma casa. O subtítulo da matéria tem uma enunciação cujo teor soa hostil ao ex-político, que teria capangas ao seu dispor:

A cidade volta à sua normalidade – Echos do atentado – A capangada lemista reaparece – Em prol das famílias das victimas – Na residencia do sr. Antonio José de Lemos o povo descobre um subterraneo – Providencias energicas das auctoridades – Prisão de capangas – Outros informes (ESTADO DO PARÁ, 01 Set. 1912, p. 1).

A legenda da fotografia buscou identificar os presentes, ocupantes de cargos públicos e patentes militares:

Da esquerda para a direita: dr. Virgilio de Mendonça, intendente de Belém; major Alencastro Araujo, inspetor interino da Região; coronel Antonio José de Lemos (de chapéu de palha á mão), ex senador do Estado; dr. Bruno Lobo, deputado eleito; major Honorino de Almeida, do exercito, e capitão de corveta Emmanuel Braga (ESTADO DO PARÁ, 01 Set. 1912, p. 1).

Antônio Lemos era ligado ao Partido Liberal, ex-intendente municipal, ex-senador e tinha como principal opositor o político Lauro Sodré, do Partido Republicano Federal, que também exercera cargos de relevância, como o de governador (SARGES, 2002). Ao renunciar a Intendência de Belém em 1911, devido ao estado de saúde e idade avançada, Lemos embarcou para a Europa (SARGES, 2002). De acordo com Rocque (1976; 1996), Lemos regressou à capital paraense em agosto de 1912, encontrando a cidade em meio a divergências

entre políticos liderados por seu sobrinho, Arthur Lemos, e a oposição. Foi nesse cenário que Lauro Sodré sofreu um atentado, simulado, cuja responsabilidade foi atribuída a Lemos pelos apoiadores de Sodré, incluindo os jornais Folha do Norte e Estado do Pará. Dias antes de ocorrer, o plano da simulação do atentado foi publicada pelo jornal de Antonio Lemos, A Província do Pará, mas, mesmo assim, acabou acontecendo (SEIXAS, 2011b). Em represália, Lemos teve a casa e a sede do jornal incendiadas, sendo obrigado a sair da cidade (ROCQUE, 1976, 1996). Alguns estudiosos postulam que o atentado teria sido uma simulação dos defensores das ideias de Sodré para incriminar Antônio Lemos. Seguimos a hipótese de simulação do atentado a fim de incriminar Antonio Lemos com base nas publicações de Rocque (1976; s.d.; 1996) e na leitura dos jornais A Província do Pará, Folha do Norte e Estado do Pará da época (SEIXAS, 2011b). O ex-intendente foi para o Rio de Janeiro, onde faleceu em outubro de 1913 (ROCQUE, 1976; 1996).

Ao realizarmos a análise iconográfica (PANOFSKY, 1976), podemos contextualizar as informações com os embates políticos no Pará em 1912, que não estão expostos claramente na imagem. Primeiro, o suposto atentado contra o político Lauro Sodré a mando de Antônio Lemos, o qual Rocque (1976; 1996) acredita ter se tratado de um ato simulado pelos inimigos políticos de Lemos para colocar o povo contra o ex-intendente. Segundo, a “resposta” da população ao suposto atentado, por meio do incêndio da casa e do jornal A Província do Pará, de propriedade de Lemos, além da humilhação feita ao ex-político, que foi arrastado pelas ruas de pijama e “salvo” pelo intendente Virgílio de Mendonça, até ser retirado pelo opositor Lauro Sodré para que pudesse sair da cidade (ROCQUE, 1976; 1996).

Em uma interpretação iconológica (PANOFSKY, 1976), observamos que a publicação da imagem justamente em um dos jornais que faziam oposição a Antônio Lemos e A Província do Pará consolida a importância da fotografia para o registro dos fatos importantes da cidade. Não bastava mais descrever a cena no texto jornalístico, era preciso mostrar ao público a imagem do político cercado por seus adversários, evidenciando quem, de fato, “venceu a batalha”.

O jornal não identificou o fotógrafo que registrou a imagem,¹⁴ mas Leal (1998) enfatiza que a queda de Lemos, em 1912, impulsionou a valorização do fotojornalismo: “com a queda de Lemos – este sendo arrastado pelas ruas, apedrejado pela população, seus bens destruídos, sua casa queimada –, os fotógrafos ficaram mais atentos aos fatos da cidade” (LEAL, 1998, p. 25). Mas, para o autor, só nos anos 1940 a fotografia deixaria de ser uma questão apenas artística para ganhar *status* de fotojornalismo (LEAL, 1998).

Lentamente, fotografias de outros assuntos foram publicadas no jornal Estado do Pará em 1912. Isso não significa que as ilustrações foram substituídas pela imagem fotográfica, ainda demoraria alguns anos para que o fotojornalismo se firmasse de fato nos impressos paraenses. Outro ponto importante é a ausência de fotografias nas páginas internas do jornal, pois, normalmente, as poucas fotografias publicadas estavam somente na capa nos primeiros tempos.

Em 1920, experimentavam-se novos ângulos e enquadramentos, tal como em uma fotografia do Estado do Pará, de 05 de abril, em que se percebe

¹⁴ Não há identificação do fotógrafo, mas Rocque (1996) transcreve o documento assinado por Antonio Lemos de renúncia aos títulos, na casa do intendente Virgílio de Mendonça, que traz a assinatura de várias testemunhas do ato, entre eles, jornalistas do Estado do Pará.

o uso de *plongee*¹⁵ para mostrar a quantidade de pessoas presentes em uma festa de caridade de um clube de Belém (ESTADO DO PARÁ, 05 abr. 1920). As técnicas, nesse caso, permitiam também ter uma dimensão do lugar e da decoração das barracas. Fotografava-se em plano geral,¹⁶ mostrando mais aspectos da cena. Algumas fotografias eram publicadas rodeadas de uma espécie de moldura no jornal.

Um dos primeiros casos encontrados na pesquisa onde a fotografia é utilizada como denúncia social data de 26 de abril de 1920, na capa do jornal (Figura 3). Trata-se de uma imagem que retrata a situação de moradores de rua em Belém. O texto diz: "O nosso photographado de hoje pertence ás dezenas de párias que pullulam na cidade (...)" (ESTADO DO PARÁ, 26 abr. 1920, p. 1). No dia 30 do mesmo mês, o tema continua sendo abordado pelo jornal, como se vê na fotografia (Figura 4) que mostra a situação de moradia dos "miseráveis" (ESTADO DO PARÁ, 30 abr. 1920, p. 1).

¹⁵ Trata-se da imagem capturada de "cima para baixo", também chamada de "mergulho".

¹⁶ Segundo Nogueira (2010), "tomando sempre como referência a figura humana, podemos afirmar que um plano geral nos mostra integralmente uma personagem, dos pés à cabeça. No entanto, um plano geral pode incluir, além da personagem completa, o cenário que a envolve" (NOGUEIRA, 2010, p. 40).

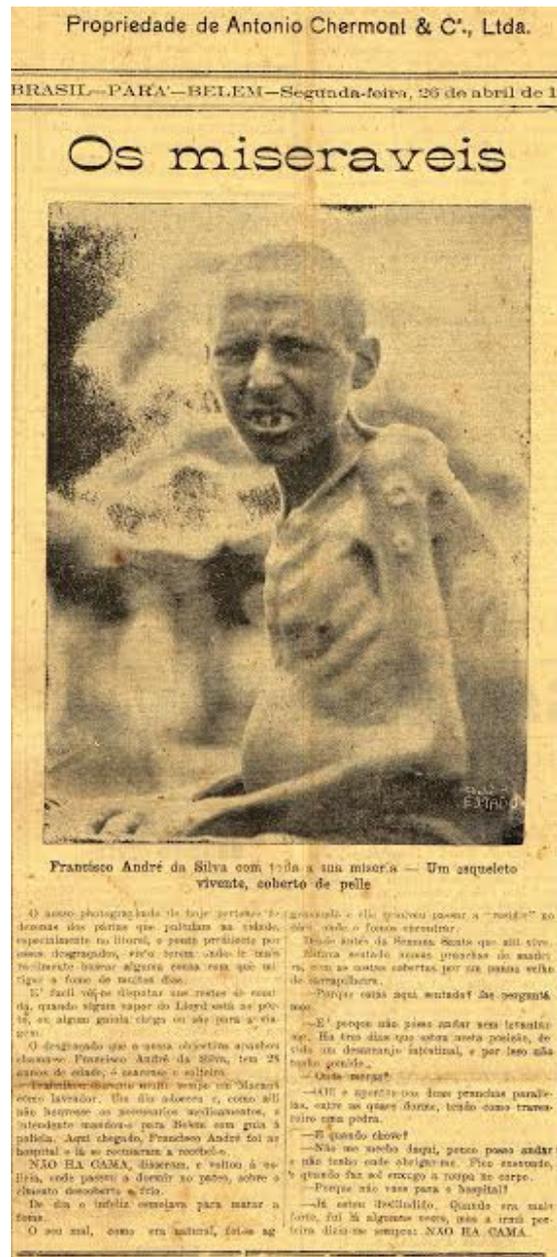


Figura 3: Estado do Pará, 26 abr. 1920, p. 1.
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.



Figura 4: Estado do Pará, 30 abr. 1920, p. 1.
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

As edições do jornal Estado do Pará não estavam disponíveis para pesquisa nos períodos correspondentes aos anos de 1930, 1940 e 1950.

O fotojornalismo no jornal Estado do Pará a partir de 1960

A década de 1960 seria marcada pela instauração da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Nesse período, os jornais brasileiros passariam a sofrer



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p121>

censura, com a implantação de diversas medidas de controle da imprensa. Os jornais do Pará não ficaram de fora desse processo.

Em geral, os periódicos paraenses nessa época possuíam oito colunas, e alguns jornais, como o Estado do Pará, já haviam retirado os fios que as separavam. Predominavam assuntos relacionados à sociedade de Belém, polícia, comércio e finanças, política, assuntos internacionais (desastres, conflitos), nacionais e do interior do Estado, esportes, navegação, literatura, economia, festividades, cinema, transportes, além de seções e suplementos para públicos definidos, como seção para a mulher. As fotografias ainda não eram publicadas com o nome dos autores, ou seja, os nomes dos fotógrafos não apareciam no jornal.

Em 1960, o jornal Estado do Pará modificou visivelmente a diagramação para destacar fotografias, publicando-as acima dos títulos e mesmo do nome do jornal (Figura 5). No periódico, as fotos de esportes costumavam ser publicadas na página 6, mas algumas iam para a capa. Havia fotos de reuniões políticas, principalmente de assuntos locais. As imagens de acontecimentos em outros estados do Brasil eram enviadas para o jornal pela Bureau-Press, mas as fotografias relacionadas a temas estrangeiros não eram creditadas às agências de notícias.



Figura 5: Estado do Pará, 01 jul. 1960, p. 1.
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

No ano de 1970, o jornal Estado do Pará não estava circulando. O periódico deixou de circular em 1961 por falta de condições financeiras, mas retomou as publicações em 20 de abril de 1976 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Desde a introdução da fotografia jornalística na imprensa do Pará, as imagens relacionadas a crimes e acidentes sempre ganharam mais espaço. Com a adoção de um caderno específico para a temática policial nos jornais, sobretudo a partir da década de 1980, as fotografias se tornaram mais valorizadas ainda. Sem pudor para publicar imagens de cadáveres, os jornais pareciam dar prioridade para esse tipo de fotografia, como pode ser visto na Figura 6.



Figura 6: Estado do Pará, 04 Jan. 1980, p. 16 – 1º caderno.
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Em 1980, as fotografias coloridas foram introduzidas no jornal Estado do Pará, ainda que a cor ficasse restrita às colunas sociais (Figura 7) e às reportagens especiais (Figura 8).



Figura 7: Estado do Pará, 06 e 07 jan. 1980, p. 1 – 2º caderno.

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

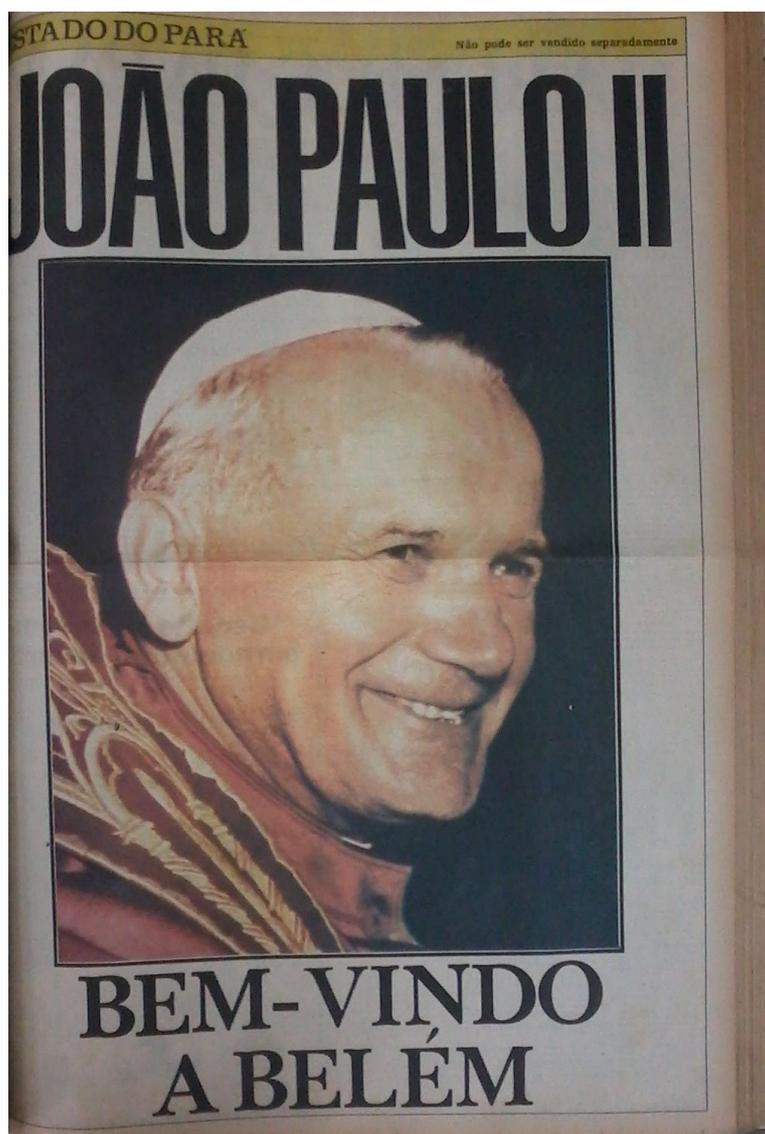


Figura 8: Estado do Pará, 08 Jul. 1980, p. 1 – 3º caderno.

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A maioria dessas fotos era creditada ao fotógrafo Luiz Braga, que teve grande destaque ao usar nos anos 80 a cor e a luz para realizar “uma produção belíssima, rica em nuances no registro da cidade, do Estado, do interior desse Estado, das pessoas anônimas que frequentam esse interior” (LEAL, 1998, p. 28).

Para Fernandes Junior (2002), foi a partir dos trabalhos de Luiz Braga, no final dos anos setenta, que a fotografia paraense iniciou uma “mudança paradigmática” (FERNANDES JUNIOR, 2002, p. 23). Além das colunas, os suplementos, publicados aos domingos, também utilizavam fotografias coloridas.

O golpe militar (1964-1985) era tratado no jornal Estado do Pará como a “revolução de 64”. Uma das poucas imagens sobre a Ditadura Militar no Brasil encontrada no *corpus* da pesquisa foi publicada no jornal em 23 de julho de 1980 (Figura 9), e mostra os jornais alternativos nas bancas antes de serem confiscados pelo regime (ESTADO DO PARÁ, 23 jul. 1980, p. 1 – 1º caderno).



Figura 9: Estado do Pará, 23 jul. 1980, p. 1 – 1º caderno.

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O que poderia ser a imagem de uma simples banca de revistas em Belém mostra a situação política da época: cerceamento da liberdade de expressão devido à instauração do regime militar no país, por meio da cassação de jornais alternativos, ou seja, contrários ao governo. Nas palavras de Flusser (2011, p. 50): “decifrar fotografias implicaria, entre outras coisas, o deciframento das condições

culturais dribladas”. Por outro lado, interpretando a publicação da imagem (PANOFKY, 1976) ou dessa “fonte secundária” (KOSSOY, 2001, p. 42), por um jornal de grande circulação como o Estado do Pará, percebemos a não concordância por parte do impresso em relação aos atos dos militares. Nesse sentido, assinala Humberto (1983):

A fotografia pode não ser confiável como constatação de uma verdade ou mesmo pode não conter um indicativo seguro da ideologia de seu autor, mas será certamente um resultado decorrente de seu relacionamento com o mundo à sua volta e portanto passível de se transformar em testemunho importante, talvez mesmo denunciador, das angústias e aspirações de seu tempo (HUMBERTO, 1983, p. 46).

As fotografias do jornal Estado do Pará registravam a luta dos estudantes pela aprovação no vestibular e as comemorações, lamentos e trotes após a divulgação do resultado. Alguns trotes faziam com que os calouros ficassem nus e o jornal publicava na capa e nas páginas internas fotos das jovens sem blusa. Os principais assuntos e fotografias mostravam muito mais imagens da Belém de 1980. Carnaval, lixo nas ruas, buracos, lama, alagamentos, abandono de locais públicos, falta de saneamento e as denúncias da situação dos conjuntos habitacionais também eram retratados nas fotos.

Os dados analisados sobre os créditos das fotografias em matérias comuns publicadas ainda em 1980 permitem supor que o Estado do Pará foi um dos jornais que marcaram a história do fotojornalismo nesse sentido, sobretudo, a partir de julho daquele ano. Cada vez mais, puderam-se identificar os nomes responsáveis pelas fotografias de capa. No interior do jornal as fotos eram menores e ainda não eram creditadas. Os nomes de fotógrafos que surgiram a partir desse período no jornal foram os de Mário Barbosa, Waldemar



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p121>

Carvalho, Dirceu Sampaio, Luiz Braga, Wagner Bill, Raimundo Oliveira e Raimundo 007.

A utilização dos créditos nas fotografias de imprensa nos jornais possibilitou a saída dos fotógrafos do anonimato. E é a esses profissionais que Humberto (1983) atribui a manutenção da própria fotografia:

Se a fotografia não acabou deve-se à existência de pessoas teimosas, obstinadas mesmo, que enfrentam uma realidade pouco generosa e indiferente às possibilidades de uma aplicação correta de seu trabalho, desenvolvido apesar de uma situação econômico-cultural inteiramente desfavorável. Atuam como aparentes suicidas, simplesmente porque ao produzir fazem disso, também, um ato de fé (HUMBERTO, 1983, p. 85).

Em 30 de dezembro de 1980, o jornal Estado do Pará parou de circular, mas deixou contribuições significativas para a história do fotojornalismo não só do Pará, mas da Amazônia brasileira.

Considerações finais

Se compararmos a distância geográfica da região amazônica ao centro-sul do país, bem como as condições de comunicação e transporte no início do século XX, podemos afirmar que a utilização de fotografias jornalísticas pelo jornal Estado do Pará não tardou a acontecer, pois apenas oito anos depois da publicação da primeira fotografia de imprensa no Jornal do Commercio (FÁVARO, 2009), do Rio de Janeiro, o mesmo aconteceria no impresso paraense. Logo, o fotojornalismo produzido no Estado alcançaria o ritmo de outras publicações nacionais e se firmaria no contexto nacional como um dos mais significativos.

No início do referido século, já percebemos a publicação de fotografias de cunho político, além de imagens com temáticas de polícia, esporte, denúncia dos problemas sociais, violência, entre outros assuntos, evidenciando a valorização, cada vez maior, do fotojornalismo nas páginas.

Quanto aos créditos nas fotografias, identificamos que as colunas sociais e as reportagens especiais foram os primeiros lugares onde os fotógrafos puderam ser identificados, o que se modificou a partir de 1980, quando os créditos passaram a ser dados nas fotografias de capa. Além disso, o jornal pesquisado também se destacou no uso da cor nas fotografias publicadas, inicialmente nas imagens de colunas sociais e, posteriormente, em outras matérias.

Sabemos que observar edições de um impresso publicadas por um longo período de tempo é uma iniciativa complexa. Muitas informações ainda permanecem fora do recorte da pesquisa, carecendo de mais estudos na área que possam identificar, cada vez mais, detalhes da trajetória do fotojornalismo nos impressos. Dessa forma, fica aos pesquisadores de história da imprensa o desafio de seguir no caminho dessas descobertas.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraóaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

CARVALHO, Vanessa Brasil de Carvalho. A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FÁVARO, Armando. **O fotojornalismo durante o regime militar**: imagens de Evandro Teixeira. São Paulo: PUC, 2009.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. Fotografia paraense: militância política e dissonância poética. In: PARÁ. Secretaria de Estado da Cultura. **Fotografia contemporânea paraense**: panorama 80/90. Belém: SECULT, 2002. p. 16-41.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Entre jornais e um repórter: a imprensa de Belém nas décadas de 1910 e 1920. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife, PE. **Anais...** Recife, PE: UNICAP, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1983.

FUNDAÇÃO Cultural do Pará Tancredo Neves. Portal da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Belém, p. 1-1. 2012. Disponível em: <<http://www.fcptn.pa.gov.br/index.php/espacos-culturais/gbpav-gerencia-da-biblioteca-publica-arthur-vianna>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

HUMBERTO, Luís. **Fotografia**: universos e arrabaldes. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEAL, Cláudio de La Rocque. **Retrato paraense**. Fundação Romulo Maiorana, Belém, 1998.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema III**: planificação e montagem. Covilhã, 2010. Disponível: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/nogueira-manuais_III_planificacao_e_montagem.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica:** abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. Mexico, D.F.: Productora de Contenidos Culturales, 2011.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: **Significado nas artes visuais.** São Paulo: Perspectiva, 1976, p.47-87.

ROCQUE, Carlos. **Antonio Lemos e sua época:** história política do Pará. 2. ed. rev. ampl. Belém: CEJUP, 1996.

_____. **Depoimentos para a história política do Pará.** Belém: Mitograph, s.d.

_____. **A história de A Província do Pará.** Belém: Mitograph, 1976.

SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do “velho intendente” Antônio Lemos (1969-1973). Belém: Pakatatu, 2002.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. O uso da imagem na mídia impressa de Belém: percurso e configuração. In: PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris; NASCIMENTO, Layse; FERNANDES, Márcio (Org.). **Fatos do passado na mídia do presente:** rastros históricos e restos memoráveis. São Paulo: Intercom e-livros; UNICENTRO, abril de 2011, p. 279-306, 2011a.

_____. Política, justiça e mídia impressa no Pará: tecendo sentidos. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE ESTUDOS DO DISCURSO, 2011, Belo Horizonte (MG), 2011b.

_____. **A trajetória da imprensa no Pará.** Projeto de pesquisa concluído, Edital Universal MCT/CNPq N ° 14/2012. Belém: UFPA, 2012.

_____. **A trajetória da imprensa no Pará:** do impresso à internet. Projeto de pesquisa em andamento. Belém: UFPA, 2016.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; SIQUEIRA, Thaís Christina Coelho. Fotorjornalismo na imprensa de Belém: 1900 – 1950. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, SBPJOR, V. 11, N. 2, p. 30-51, dez. 2015.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da fotografia.** Lisboa: Ediciones Cátedra, 2001.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p121>

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. **Net**, Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2014.